

Então, depois de termos sido salvos, soubemos que a ilha se chama Malta. Os bárbaros nos mostraram extraordinária humanidade, pois acolheram a todos nós, acendendo uma fogueira, por causa da chuva que chegara e por causa do frio. Quando Paulo juntou um monte de gravetos e os colocou sobre a fogueira, uma víbora que saía do calor agarrou-se à sua mão. Quando os bárbaros viram a fera pendurada na mão dele, disseram uns aos outros: sem dúvida, este homem é um assassino que, tendo sido salvo do mar, a justiça não permitiu viver. Ele, no entanto, sacudindo a fera em direção ao fogo, não sofreu nenhum mal. Eles, porém, aguardavam que ele [Paulo] viesse a inchar ou a cair morto repentinamente. Depois de muito esperarem, vendo que nada de anormal lhe sucedia, mudando de opinião, diziam ser ele um deus.

Atos
28:1 a 6

134

Paulo é picado por uma víbora na ilha de Malta

Os naturais da Ilha, bem como os poucos romanos que lá residiam a serviço da administração, acolheram os naufragos com simpatia, mas, por numerosos, não havia acomodação para todos. Frio intenso enregelava os mais resistentes. Paulo, todavia, dando mostras do seu valor e experiência no afrontar intempéries, tratou de dar o exemplo aos mais abatidos, para que se fizesse fogo, sem demora. Grandes fogueiras foram acesas rapidamente para aquecimento dos desabrigados, mas quando o Apóstolo atirava um feixe de ramos secos à labareda crepitante, uma víbora cravou-lhe na mão os dentes venenosos. O ex-rabino susteve-a no ar com um gesto sereno, até que ela caísse nas chamas, com estupefação geral. Lucas e Timóteo aproximaram-se aflitos. O chefe da coorte e alguns amigos estavam desolados. É que os naturais da Ilha, observando o fato, davam alarme,

asseverando que o réptil era dos mais venenosos da região, e que as vítimas não sobreviviam mais que horas.

Os indígenas, impressionados, afastavam-se discretamente. Outros, assustadiços, afirmavam:

— Este homem deve ser um grande criminoso, pois, salvando-se das ondas bravias, veio encontrar aqui o castigo dos deuses.

Não eram poucos os que aguardavam a morte do Apóstolo, contando os minutos; Paulo, no entanto, aquecendo-se como lhe era possível, observava a expressão fisionômica de cada um e orava com fervor. Diante do prognóstico dos nativos da Ilha, Timóteo aproximou-se mais intimamente e buscou cientificá-lo do que diziam a seu respeito.

O ex-rabino sorriu e murmurou:

— Não te impressiones. As opiniões do vulgo são muito inconstantes, tenho disso experiência própria. Estejamos atentos aos nossos deveres, porque a ignorância sempre está pronta a transitar da maldição ao elogio e vice-versa. É bem possível que daqui a algumas horas me considerem um deus.

Com efeito, quando viram que ele não acusara nem mesmo a mais leve impressão de dor, os indígenas passaram a observá-lo como entidade sobrenatural. Já que se mantivera indene ao veneno da víbora, não poderia ser um homem comum, antes algum enviado do Olimpo, a que todos deveriam obedecer.

(*Paulo e Estêvão*. FEB Editora. Segunda parte – Cap. 9, p. 444 a 445)

At
28:1 a 6